

Significando práticas e praticando significações

Felizardo Bartolomeu Costa¹

Pedro Bendassolli²

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Assis

Introdução

Este artigo é o resultado de uma pesquisa em andamento sobre o significado do trabalho para professores, que se pretende levar a cabo em três fases. Uma, que corresponde à sua estruturação teórica, na qual se insere desde já a elaboração e a apresentação do presente artigo; a segunda, que se refere à recolha de dados, com professores brasileiros que estejam a trabalhar no Ensino Fundamental e, a seguir, com professores angolanos, do mesmo nível. Todas essas fases serão cumpridas atendendo a um cronograma que define de maneira rigorosa os procedimentos para a realização da pesquisa. Entretanto, neste artigo, almeja-se, em primeiro lugar, tentar uma brevíssima reconstrução sócio-histórica do significado do trabalho e, na sequência, uma discussão sobre de que forma tal discussão poderá ajudar a clarear as discussões a respeito dessa temática e como a questão da identidade se agrega a ela.

Construções sócio-históricas possíveis do trabalho

O trabalho se torna importante, entre outras coisas, pelo seu significado que, com o passar do tempo, é agregado à vida. Como iremos demonstrar, o trabalho agrega valor, através das construções identitárias imbricadas nos processos de subjetivação inerentes a ele. Trabalhar não é apenas um modo de elaboração de matéria para a sociedade: é, antes de tudo, um modo de construção do sujeito, um modo de estruturação do seu universo e da sua subjetividade, pois é no trabalho que o sujeito se encontra, se descobre, sendo nessa produção que ele se reconhece e se apresenta à sociedade (Titoni, 1994). Contudo, é interessante notar que o valor do trabalho nem sempre foi visto da mesma maneira, uma vez que as mutações ocorridas ao longo do desenvolvimento sócio-histórico das nossas sociedades caracterizaram várias formas de reconhecimento do trabalho. A esse respeito, Bendassolli (2007) argumenta que se podem identificar três momentos dessa tradição: um, em que o trabalho era desprezado, algo que acontecia na antiguidade; depois, na emergência da sociedade industrial (valor econômico, princípio moral, ideologia de controle, construção da subjetividade e contrato social); e quando assume um caráter religioso-moral. A condição social delineava igualmente o tipo de tratamento a dar-se ao trabalho. A importância que os gregos atribuíam ao intelecto condicionava os valores atribuídos ao trabalho, sobretudo porque ele se entendia principalmente como uma atividade eminentemente braçal e por conseguinte, escrava. Um exemplo circunstancial

¹ Mestrando em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

² Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

é a cirurgia que, apesar de ser considerada muito importante, só era praticada pelos escravos, exatamente pelo fato de a mesma implicar um envolvimento físico igual ao de outras atividades escravas. Algo que muda, no início do período industrial, é que o valor do trabalho toma sentidos bem destoantes dos anteriores, considerando que, nesse momento, o trabalho tem a ver com uma representação como fonte de valor, interessantemente observada em Locke e depois em Adam Smith (Decca, 1982). É importante ressaltar a importância da religião cristã, para disseminar a visão moral, pois, “(. . .) a religião cristã ajudou a reabilitar em parte a importância do trabalho disseminando uma nova visão: a de redenção e vida através do trabalho e a valorização da vida terrena como forma de atingir o prêmio da vida eterna venturosa, (Borges, 2007). A saída disso aparece na forma de investidas ideológicas e de outras que se referem a uma atividade construtora do ser e da subjetividade e um contrato social, respectivamente:

O trabalho é portador de significações sociais que sustentam uma hierarquia cultural e social; é um código manipulado pelos indivíduos como qualquer outro código moral institucionalizado. Por isso o discurso sobre o trabalho requer sua interpretação orientada pela ‘gramática de classe’, pelas contradições que o indivíduo ou grupo mantém com a sua própria situação social (. . .).” (Baudrillard, 1972, apud Colbari, 1995).

Essas análises permitem-nos resgatar uma tradição que promoveu as reflexões em relação ao processo de subjetivação, que hoje se encontra conectada ao trabalho. Todavia, uma questão ainda se mantém: que sentido se pode atribuir ao trabalho, será que ele pode ainda ser considerado uma categoria central, será que se pode considerar, hoje, que as transformações sociais que operaram novas formas de organização estratégica do trabalho terão igualmente ocasionado novas configurações, no que diz respeito à centralidade do trabalho? Não há dúvida, porém, de que a ideia do trabalho como central na construção da identidade deve ser repensada à luz do que se possui atualmente sobre o assunto, acurando quais as articulações e reflexões possíveis (Coutinho, 2007).

Constrói-se, assim, uma necessidade de problematização da centralidade do trabalho. A forma como a questão é colocada põe em evidência uma certa tendência de abordagem do valor do trabalho, que é como ele se sobrepõe com a construção da identidade do sujeito. Dessa maneira, se, de um lado, os autores nos forçam a pensar nessa questão, por outro, eles nos indicam a partir de que perspectiva eles se colocam para pensar a mesma. Entretanto, além de olhar para as várias possibilidades de discussão sobre como o trabalho se agrega em torno de um possível significado, seria proveitoso optar-se por discorrer a respeito, também, do processo histórico que produziu as configurações atuais do trabalho e que lhe demandam significados:

O significado do trabalho inspira uma percepção particularizada, originada da experiência do sujeito e, ao mesmo tempo, uma percepção socialmente construída. A vivência cotidiana dos sujeitos constitui a base sobre a qual eles constroem suas percepções e conhecimentos acerca do mundo que os cerca. Tal construção, embora de base individual, é um processo eminentemente social, por se dar no interior de um conjunto partilhado de crenças, valores e significados que definem o contexto cultural no qual interações entre indivíduos e grupos ocorrem. (Coutinho et. al., 2007, p.34)

A importância dada ao trabalho e o próprio processo que leva à construção de um significado para os indivíduos estão condicionados a uma experiência que é, por um lado, condicionada pela partilha de crenças, convicções, valores etc. e, por outro, por uma conjuntura social, política, econômica e histórica. Nesse sentido, o significado do trabalho para o

sujeito não é dado por ele mesmo, de maneira totalmente inalienada da comunidade de que faz parte, mas vem impregnada de crenças, valores, modos de viver e conceber a realidade que, quer se queira, quer não, reflete particularidades do grupo ao qual o mesmo pertence.

Ao abordar a questão do significado do trabalho, somos muitas vezes forçados a refletir sobre alguns outros elementos como, por exemplo, a centralidade do trabalho. Tal como já discutido anteriormente, a centralidade bem como a própria preocupação com o significado do trabalho são uma consequência de um processo histórico, visto que ela “(. . .) é uma invenção”, uma construção que precisa de ser frequentemente reorganizada com novas descrições, novos eventos e novas formas de conexão com a ‘realidade’” (Bendassolli, 2009). Foucault (2005) faz exatamente a mesma referência sobre os sistemas de conhecimento, ao mostrar como “(. . .) as práticas sociais podem engendrar domínios de saber que fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento”; a construção da história das sociedades corresponde à construção não somente “duma” história do trabalho, mas principalmente de várias possibilidades de enxergar o trabalho. O que se pensa sobre o trabalho, o que se acredita que o trabalho representa hoje, para nós, não é nada mais do que o resultado desse processo, dessa construção política, econômica, religiosa, enfim, cultural da sociedade. Da mesma forma, falar da centralidade do trabalho é falar desse processo, é não esquecer que “(. . .) a relação do sujeito com o objeto, ou mais claramente, a própria verdade tem uma história” (Foucault, 2005, p.8). Sob esse ponto de vista, abre-se uma nova forma de elaborar a questão do trabalho como elemento central na construção da identidade, pois a ideia de que a identidade se constitui por intermédio do trabalho é questionada a partir das perspectivas que sustentam o trabalho como imprescindível para os sujeitos.

O trabalho é um constructo histórico que aparece caracterizado de formas diferentes, na medida do desenvolvimento histórico da humanidade. Em cada momento, ele traz consigo um conjunto de interesses políticos e econômicos, refletindo uma concepção específica, que, por sua vez, retrata um certo uso das tecnologias produtivas. Na Idade Média, no Renascimento, na eclosão da Revolução Industrial, enfim, na modernidade e no período pós-moderno, por conseguinte, para refletirmos sobre que valores são atribuídos ao trabalho, ou qual o seu significado, antes de tudo, é necessário fazer uma reconstrução histórica e crítica de períodos específicos, sem nunca perder de vista o fato de que se, por um lado, como defende Bendassolli (2009:4) “(. . .) a centralidade do trabalho foi inventada”, por outro, os sistemas que se propõem refletir a respeito são tão irrealistas quanto a própria centralidade, já que “(. . .) o mundo se torna mundo à medida que falamos sobre ele, que o descrevemos e o inserimos em determinados jogos de linguagem ou formas de vida” (Wittgenstein, 1996 apud Bendassolli, 2009, p.4).

Referências

- Bendassolli, P. F. (2009). *Psicologia e trabalho: Apropriações e significados*. São Paulo: Cengage Learning.
- Bendassolli, P. F. (2007). *Trabalho e identidade em tempos sombrios: Insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.

- Borges, Z. (2007, janeiro/março). O significado do trabalho uma reflexão sobre a institucionalização do trabalho na empresa integrada e flexível. *Gestão* 3(1).
- Colbari, A. L. (1995). *Ética do trabalho: a vida familiar na construção da identidade profissional*. São Paulo: Letras & Letras.
- Coutinho, M. C. (1999). Trabalho e construção da identidade. *Psicologia em estudo* 4(1).
- Coutinho, M. C., Krawulski, E. & Soares, D. H. P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia e sociedade*, 29-37.
- Foucault, M. (2005). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU.
- González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira.
- Morin, E., Tonelli, M. J. & Pliopas, A. L. V. (2007). O trabalho e seus sentidos. *Psicologia & sociedade* 19(1), 47-56.

*Recebido: 17 de dezembro de 2009.
Aprovado: 15 de janeiro de 2010.*